

GABRIELLE BRUNE –SIELER, UMA VIDA (1874-1940):

Os desafios da biografia

Vavy Pacheco Borges,

UNICAMP

INTRODUÇÃO

Esta comunicação se compõe de 2 partes: uma parte mais teórico-metodológica, ligada aos desafios da biografia e outra biográfica propriamente dita.

Gabrielle Louise nasceu Leuzinger Masset e depois se tornou Brune-Sieler por seus dois casamentos; ela entrou em meu percurso de trabalho por circunstâncias aleatórias da vida. Eu trabalhei sempre com história política e jamais pensara em pesquisar a vida de uma mulher e em especial o que se poderia chamar de uma “mulher comum”, no sentido de que não fôsse uma figura pública.

Gabrielle foi uma daquelas “tias estranhas” que muitas famílias têm. Tia de meu marido, sobre ela escutei muitos casos: “podre de rica”, teria sido casada com o dono da Cervejaria Brahma, deixara um testamento que legava sua imensa fortuna internacional para fundar uma associação que não permitisse que os maridos mandassem em suas mulheres, seu segundo marido tentara assassiná-la e depois se suicidara, ela tentara assassinar um Primeiro Ministro francês, etc

1ª parte : Os desafios da biografia

1.1.- Entre ciência e arte : um debate

Entrando “pela porta dos fundos “ em minha vida de pesquisas, Gabrielle forçosamente fez com que eu me interessasse pelo debate em torno da biografia. Ao longo de mais ou menos dois mil anos, autores viram a biografia em oposição a ou distinta da história (chamando-a de “gênero compósito”, “híbrido”, “controverso”, “problemático”, “gênero menor”, e mesmo “uma tarefa impossível” ou uma “terra incognita”), por diferentes razões em diferentes momentos, num percurso entre “ciência” e “arte”. Os problemas de interpretação de uma vida são riquíssimos pois, como podemos imaginar, nos defrontam com tudo que constitui nossa própria vida e as dos que nos cercam.

Os motivos de interesse atual pela biografia na sociedade em geral e na academia em particular podem ser agrupados em dois eixos interligados: um primeiro eixo diz respeito aos movimentos da sociedade e um segundo se refere à evolução do conhecimento histórico a partir de influências interdisciplinares. No primeiro eixo, destaca-se um reforço enorme do individualismo, constatado por muitos dos autores: cada vez mais o indivíduo tem seu espaço na sociedade e cada vez mais o homem se detém nele mesmo. A partir das desilusões já muito discutidas da crise do marxismo e das utopias, destaca-se também a discussão sobre a liberdade do indivíduo e sua relação com a sociedade, através das normas e valores. Além de tudo isso, a mídia entretém hoje uma grande fome de imagens e de testemunhos, uma enorme curiosidade sobre vida das pessoas: quer-se “consumir a vida dos outros”, próximos e

longínquos como se evidencia no sucesso dos “reality-shows” na televisão). Comenta-se muito o *voyeurismo* do biógrafo e de seus leitores ¹ Acho que o grande e recente boom da memória pode-se entender também nessa linha próxima, fundamentalmente, à perda de identidade causada pela massificação, mediatização e pela dita globalização atuais.

Em relação ao segundo eixo, começo pelas já muito discutidas mudanças nas formas de se escrever a história, derivadas das crises dos grandes paradigmas (marxismo e estruturalismo, e em particular na França do desprestígio da forte história quantitativa/serial). Surgiram reações contra conceitos totalizantes como classe e mentalidades, contra categorias pré-determinadas (como revolução) e um favorecimento da experiência. ² Lembro ainda o triunfo de um polimorfismo do homem (vindo da literatura, da psicanálise) . E finalmente um individualismo metodológico, constatação que pode ser feita em áreas como economia, direito, sociologia, que procura explicar os fenômenos coletivos pelos comportamentos e estratégias individuais. ³

Hoje em dia a boa biografia - para os historiadores de ponta - não tem mais a absurda pretensão de esgotar o absoluto do “eu” (o que não conseguimos fazer nem para nós mesmos, em toda uma experiência de vida, ajudados seja por profunda introspecção, seja pela psicanálise). Não mais se concebe a biografia como uma evolução linear do berço ao túmulo, com um encadeamento de causas e efeitos. O objetivo mais modesto mas ainda bastante complicado é examinar alguns momentos importantes do percurso de uma vida, em especial suas encruzilhadas, os porque e os como das decisões tomadas, no cruzamento dos tempos passado, presente e futuro na mente dos indivíduos.

1.2 . Problemas teórico -metodológicos

Ficou muito claro para mim, após algumas leituras, que não há métodos canônicos para se escrever a história de uma vida, chame-se isso de biografia, estudo de caso, micro-história ou trajetória, itinerário, percurso. Os problemas que tenho enfrentado em nada são diferentes dos que se enfrenta em qualquer trabalho de pesquisa histórica, somente são olhados através de uma lente de aumento . Embora eu aqui os coloque separadamente para uma discussão didática, encontram-se bastante imbricados.⁴

¹ Ver prefácio de Georges Balandier em Franco Ferrarotti *Histoire et histoires de vie -La méthode biographique dans les sciences sociales*, Paris, Méridiens Kliencksieck, 1990.

² Próximo a isso, surgiu o interesse pelos “excluídos” ou os “vencidos” da história, a classe operária ou os trabalhadores e outros mais grupos como as ditas minorias sociológicas (negros, mulheres, homossexuais, etc,...)

³ Ver Phillippe Léveillain, “Les protagonistes:de la biographie” in “ *Pour une histoire Politique*, Paris , Seuil, 1988.

⁴ Giovanni Lévi , uma leitura introdutória apreciada entre nós, acredita haver quatro tipos de biografias:: 1- Prosopografia e biografia modal, que visa sobretudo ilustrar formas de comportamento; 2- Biografia e contexto, na qual se trata da construção do contexto para explicar o que parece desconcertante; de se tornar a pessoa “normal”, de se reconstituir o meio em torno do indivíduo; 3- Biografia e os casos extremos: um exemplo diz tudo:o caso de Menocchio, de Carlo Guinzburg, no já clássico *Os queijos e os Vermes* ; 4 Biografia e hermenêutica: este último tipo é ligado à antropologia, considera que o que se torna significativo é o próprio ato interpretativo e para ele o ato biográfico pode assumir infinitos significados: poder-se-ia chegar mesmo à impossibilidade de uma biografia. ⁴ Na prática, porém, alguns tipos por vezes se combinam. Ver Giovanni Lévi “Usos

Esta história que contamos é “verdadeira”?

O problema de uma “verdade” em história se alterou quando passamos - muitos de nós historiadores – a aceitar que todo trabalho de história é uma representação. Não se chega “ao passado” mas se constróem representações do passado. Toda história é uma construção e os problemas de descobrir “uma” ou “a verdade” surgem até para leigos que percebem que, para um fato, cabe mais de uma versão. Para alguns, não se deve falar mais em verdade, mas em verossimilhança.

No caso da biografia, acrescenta-se ainda a incapacidade de se dominar a singularidade irredutível de uma vida, como destacam muitos; hoje em dia não se tem mais a absurda pretensão de esgotar o absoluto do “eu”, algo que não conseguimos fazer nem para nós mesmos, em toda nossa experiência de vida, ajudados pela introspecção ou pela psicanálise.

Ao escrever a história de uma vida, nos perguntamos se essa tem um sentido; esse sentido seria (ou será) aquele que nós, conscientemente ou não, atribuímos ao nosso personagem. Devemos ainda estar atentos para não fazer de nosso personagem uma “revelação da essência da humanidade”.

Como se dá a relação entre historiador e seu objeto?

Evidenciou-se se para mim, nas últimas pesquisas, a fascinação que o historiador sente pelos documentos pessoais referida por alguns autores. É importante, desde o princípio, que o historiador se perceba implicado na relação com seu personagem; não se acredita mais em uma “neutralidade do pesquisador” e a subjetividade - como em todas as pesquisas –inevitavelmente se faz sentir. Deve-se ter clareza sobre a relação entre o historiador e o biografado, que envolve compaixão, empatia, sedução, por vezes irritação. Penso que só tentarmos compreender um personagem é já uma forma de gostar dele.

Na verdade, a maior objetividade possível só pode ser garantida pela prática estrita e séria do *métier* do historiador, com sua pesquisa de provas documentais e sobretudo sua contraposição sistemática.

Que fatos selecionar para a narração?

“Sem documentos não há história” e as fontes encontradas – em boa medida – estabelecem os níveis em que podemos nos aprofundar na vida de uma pessoa. Se é sempre difícil estabelecer os fatos, dada a dificuldade de suas diversas versões, o importante é sempre, conforme já dito, contrapô-las. Ao longo do texto podem ser feitas afirmações seguras, hipóteses prováveis, mas também relações bem subjetivas, provocadas muitas vezes por simples intuições; o que é fundamental é deixar claro o alcance de cada uma das afirmações. Em matéria de fatos, indago-me sobre o que pode ser visto como importante ou aleatório e o que pode ser visto como simbólico; isso é algo que me fascina constantemente na vida diária.

A vida de um indivíduo se imbrica com os chamados “grandes acontecimentos” e todo tipo de fatos que se passam durante seu período de vida; esses eventos só deverão ser tratados relacionando-os à vida do personagem.

Acredito na importância da cronologia, pela necessidade da ordenação dos fatos em função da compreensão, inicialmente do pesquisador e posteriormente do leitor; esquemas cronológicos e de parentescos ajudam essa imprescindível ordenação. Podemos nos indagar se poderemos chegar a definir claramente etapas da vida em questão.

Quando começa e quando termina o percurso de uma vida? Temos que pensar nas duas pontas: o estudo de uma vida deve passar inevitavelmente pelas origens familiares, embora não necessariamente a narração deva começar por aí. E a história de uma vida liga-se diretamente à questão da memória: qual é (ou em geral, quais são) a(s) memória(s) existente(s) de nosso personagem?

Como estabelecer os laços entre indivíduo/ sociedade ?

Qual a relação indivíduo-contexto ?

Parece bastante claro que a oposição indivíduo / sociedade é falsa; o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações. Entre os tipos de biografias que G. Lévi cita, ele seleciona o tipo de biografia que acredita ser o melhor sucedido: seria o No 2, o da biografia e contexto. Mas seu perigo, como brinca Sabine Loriga, seria fazer-se algo como um sanduíche: uma “fatia” de contexto, uma “fatia” de biografia, outra de contexto e assim alternadamente.⁵ Penso que a biografia não deve ser um “curriculum vitae” recheado com fatias do(s) contexto(s) nos quais viveu o personagem,

É preciso se pensar tanto nas determinações da sociedade (em que o/a biografado/a se criou e viveu) quanto no papel do “acaso”, tomando-se como tal os inúmeros pequenos fatos e incidentes para os quais não se conhecem explicações. Assim, o biógrafo vai se defrontar com o mistério que cerca a vida humana.

Se as fontes nos permitirem, devemos levar em conta questões como: a questão da racionalidade: os atores históricos (nós todos!) não são modelos de coerência, continuidade, de racionalidade; as tensões entre o vivido e o imaginado e desejado, entre a razão e a paixão; os problemas das potencialidades do próprio indivíduo, entre as normas e práticas,⁶; o problema da necessidade ou determinismo X o fluxo caótico e aleatório da vida, a questão da liberdade/determinismo: qual a “verdadeira amplitude de escolha” que um indivíduo tem (o “livre-arbítrio” para a doutrina católica - apostólica romana).

A relações entre a história e a psicanálise são importantes para entendermos todos estes aspectos da vida de um personagem. A psicanálise foi fundamental para mostrar a importância das origens e dos primeiros anos de uma vida; não se deve pretender “explicar o adulto pela criança, mas perceber como um ser humano agilizava, atualiza, no curso

⁵ Ver Sabine Loriga, “La biographie comme problème” in Jacques Revel (dir.) *Jeux d'échelles: de la micro-analyse à l'expérience*, Paris, Seuil/Gallimard, 1996.

⁶ Assim denominou Michelle Perrot suas reflexões auto-biográficas. Ver Michelle Perrot, “L'air du temps” in Pierre Nora (org) *Essais d'Ego-Histoire*, Paris, Gallimard, 1987.

de sua vida, suas potencialidades”.⁷ Foi ainda importante para pensar o que pode ser considerado como “normalidade”, neuroses e, por vezes, psicoses. No entanto, deve-se ficar bastante alerta contra um psicologismo simplificador.⁸

Como pensar e narrar o tempo de uma vida ?

Não mais se concebe a biografia como uma evolução linear com um encadeamento de causas e efeitos. P. Bourdieu fez, no início dos anos oitenta, duras e já clássicas críticas à linearidade do percurso de uma vida, no que chamou de “ilusão biográfica”.⁹ Como em qualquer trabalho de história, existe o perigo de uma visão retrospectiva e de um finalismo: sabendo como tudo acabou, o historiador corre o risco de construir para seu personagem “um percurso orientado”, muitas vezes disfarçado atrás das idéias de “destino incontornável”, “vocação irresistível”, etc..

Para se evitar isso, o nó central me parece ser a questão das potencialidades e possibilidades. É preciso se tentar descobrir quais eram os problemas e as opções que precederam as decisões e os atos, que evidentemente se pautavam pelo que o personagem sentia e sabia na época. Sempre é fundamental levar-se em conta que esses atos decisórios se dão nos corações e nas mentes dos personagens, num cruzamento dos tempos passado, presente e futuro, bastante imbricados. Avaliar como se deram as escolhas é sempre difícil, por vezes impossível. Encontramos muita dificuldade em achar fontes que nos informem sobre os processos de decisões; as fontes, em geral, informam-nos mais sobre os fatos propriamente ditos e não sobre as motivações ou questionamentos anteriores às decisões nesses concretizadas.

Ao se contar a história de uma vida, o mais sério desafio é trabalhar ao mesmo tempo com a cronologia linear, que parece ser “unidirecional”, e com o percurso da vida, que não é linear; pergunto-me sempre como trabalhar com o contínuo e o descontínuo, como pensar as diferentes temporalidades? Como conseguir “um relato impressionista (...) que se recusa a pôr ordem na desordem da vida”?¹⁰ É imprescindível deixar claro, ao terminar estas considerações teórico-metodológicas, que a biografia que é vista hoje como de ponta não é aquela com “uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”.¹¹

Ao narrar, creio que se deve trabalhar também as temporalidades vividas por nós vividas durante a pesquisa; mostrar esses laços me parece importantíssimo no caso da biografia. Entre os autores que assim trabalham, quero destacar entre outros Janet Malcolm,¹² Richard Holmes¹³ e Mary MacCarthy.¹⁴ Nós historiadores brasileiros somos muito

⁷ Ver Anne Levallois, ““Psychanalyse et Histoire: le règne éphémère de la psychohistoire et l’avènement de la biographie historique en France”, in Diane Le Beuf et alii., *Construire l’histoire*, Monographies de la Revue Française de Psychanalyse, Paris, Puf, juin 1998, p.95.

⁸ Um bom apanhado do tema é o artigo de Anne Levallois *op.cit.* p. 77. Para um certo percurso do tema ver: alguns artigos reeditados de Lucien Fèbvre in Roger Chartier et alii *La sensibilité dans l’histoire*, Brionne, Gerard Monfort, 1987; Saul Friedlaender, *Histoire et psychanalyse : essais sur les possibilités et les limites de la psychohistoire*, Paris, Seuil, 1975; Jacques Szaluta *La psychohistoire*, Collection Que sais-je, Paris, PUF, 1987.; Peter Gay, *Freud para historiadores*, Rio de Janeiro, Paz e Terra 1989 (original de 1985).

⁹ Ver Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica” in Marieta de M. Ferreira e Janaina Amado, *op.cit.*

¹⁰ Ver “Prefácio” ide Sérgio Buarque de Holanda in Yolanda Penteado, *Tudo em cor-de-rosa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976. São as memórias da mulher da elite paulista Yolanda Penteado.

¹¹ Ver Giovanni Lévi, *op.cit.* pg 169.

¹²A narração que me agrada é, por exemplo, a da Janet Malcolm, ou seja, seguindo seus passos de pesquisa. O trabalho desta americana sobre as biografias escritas sobre a poetisa Sylvia Plath foi o texto mais instigante que li sobre como escrever uma biografia, e ela a escreve narrando as dificuldades de sua pesquisa biográfica. Ver Janet Malcolm, *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*, São Paulo, Cia das Letras, 1994.

criticados por “escrever mal” ; a narração supõe arte, através da qual seduzimos o leitor para o resultado de tantos anos de trabalho. É necessário muito treinamento para se chegar a fazer uma biografia como Carlyle comentou em seus «Essays », em 1832 : “um espelho ao mesmo tempo científico e poético, ou seja, ao mesmo tempo natural e mágico”. Não devemos contentar-nos, como foi dito mais recentemente sobre um trabalho de biografia, em “colocar os leitores (sómente) diante de uma mesa de trabalho bem em ordem”. 15

2- O percurso de uma vida :Gabrielle Brune - Sieler

Minha personagem Gabrielle Louise, nascida Leuzinger Masset e depois Brune-Sieler por seus casamentos, destacou-se nas décadas de dez a trinta do século XX no cenário das elites carioca e paulistana e mesmo internacionais. Ela teve origens européias, suíças por parte do avô materno (conhecidas desde século XIII), francesas por parte da avó materna (nobres destituídos na Revolução) e por parte de pai (burgueses da província).

O avô materno, Georges Leuzinger é o antepassado mais conhecido de Gabrielle. Em 1832 ele veio da Suíça para o Rio, então corte, e acabou por se tornar bastante conhecido no mundo comercial e cultural da corte do Segundo Reinado como dono de papelaria e tipografia, mas também como editor, livreiro e fotógrafo. A Casa Leuzinger, na elegante zona do comércio carioca, à rua do Ouvidor 33 e 36, tornou-se um local de referência obrigatória na vida cultural brasileira da segunda metade do século. ¹⁶ Em 1840 casou-se com uma francesa, Anne Antoinette du Authier, francesa de origens nobres na Gascogne, que perderam os bens na Revolução. O casal Leuzinger teve 6 filhos homens e 7 mulheres, sendo que só 10 sobreviveram, como era freqüente então.

Entre os dez filhos sobreviventes de Georges e sua esposa francesa Eleonore estava Eugénie, que, casou-se aos 23 anos com Gustave Léon Masset , francês e emigrado como o pai dela e também como esse com loja na rua do Ouvidor ; seus negócios de importação de moda francesa fracassaram, ele morreu aos 40 e poucos anos de um problema hepático e ela ficou vúva “desamparada” aos 34 anos, com 7 filhos dos 12 aos 2 anos. Eugénie seguiu então uma solução encontrada por algumas mulheres de seu grupo social quando precisavam de dinheiro (como sua mãe e uma tia materna): dedicou-se ao ensino privado e fundou na rua do Catete o Colégio Masset, do qual, durante anos, tirou o sustento para seus sete filhos.

Depois de muitos sobressaltos financeiros em sua infância, Gabrielle casou-se aos 19 anos com um capitalista alemão instalado no Rio, Georg Brune.Dono de uma casa Oscar Phillipi- Rio/Manchester, onde provavelmente foi feita sua

¹³ Richard Holmes, trabalhando com personagens e textos da literatura romântica, fornece-nos apaixonantes exemplos de narração biográfica Desde 1985 produziu extensa obra que apresenta-se condensada, em boa parte, no volume recente Sidetracks : explorations of a romantic biographer, New York, Pantheon Bookes, 2000.’

¹⁴ Acho ainda inspirante a forma de narração da autobiografia de Mary MacCarthy, que narra sua história contando o que pensa, o que acha que se aproxima do assunto, explicitando sempre todas as dúvidas que ela tem da própria memória Ver Mary MacCarthy, *Memories of a catholic girlhood*, USA, original de 1957 com inúmeras reedições. . Estimulam -me ainda as narrações de Alain de Botton, *Nos mínimos detalhes* Rio de Janeiro, Rocco, 2000 ,Natalie Zelmon Davies, *Nas Margens: Tres mulheres do século XVII*, São Paulo, Cia das Letras, 1997.

¹⁵ Apud Daniel Madelenat, *La Biographie* , Paris, PUF, 1984, pg. 147 . Conforme indica Madelenat, a primeira frase é dos Essays t.II, p.45 de T. Carlyle e a última de Leon Edel, *Literary Biography*, London , Rupert Hart -Davis, 1957 .

¹⁶ Ver M.Lucia David de Sanson e outros, *O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger:1860-1870*, Sextante Artes, Rio de Janeiro, 1998; ver também Laurence Hallewell, *O livro no Brasil (sua história)*, São Paulo, T.Antonio Queiroz/EDUSP, 1985.

enorme fortuna, não sei claramente se ele era representante do *Brazilianische Bank für Deutschland (Banco Brasileiro Alemão)*, um dos bancos estrangeiros que participaram de uma moratória no governo Campos Salles e que emprestara dinheiro ao Brasil ou se somente aí tinha parte de sua fortuna. Esse banco teve enorme papel na vida de Gabrielle : seus dois maridos estavam a ele ligados e nele trabalharam (ao que percebo, introduzidos por Georg Brune), seus irmãos Gustave e Georges e seu querido sobrinho Paulo Guimarães Masset (filho de Georges); além disso, sua fortuna brasileira estava lá aplicada.

Vivendo com Brune por volta de 15 anos, Gabrielle definia-se como “esposa”, numa visão que se poderia esperar da época.¹⁷ Posso imaginar que em sua casa escutou comentários e informações impressionantes tanto do marido como de seus visitantes e contatos, pois afirmava recorrentemente conhecer “segredos incríveis da política mundial e brasileira”, saber de “crimes de banqueiros alemães e políticos brasileiros” que ela não poderia contar para “o universo não perder a paz”. Brune, 12 anos mais idoso do que ela, faleceu de síncope cardíaca em julho de 1912. Devido à sua origem alemã, durante a “Grande Guerra” (1914-18) os países aliados confiscaram seus avultados bens no exterior. Durante um quarto de século Gabrielle se esforçou por reavê-los, apelando até para o Tribunal de Haia; somente em 1937, quando já estava interdita, doente e combalida, 3 anos antes de sua morte, esses bens (ou parte deles) voltaram a sua posse.

Dez meses depois de viúva casou-se novamente, desta vez em regime de separação de bens, com Friedrich Wilhelm Sieler, também alemão e funcionário do *Brazilianische Bank*. Ele era bem mais jovem do que ela e não tinha fortuna e Gabrielle reclamava que ele lhe trouxera “dívidas avultadas”. Ela passou a usar, durante toda sua vida, os sobrenomes dos dois maridos por ordem de casamento, unidos por um hífen ; isso é algo que me parece foi considerado muito estranho¹⁸.

O casamento foi mal desde o início. Aos 40 anos, em 1914, redigiu com um advogado seu primeiro testamento. Legou somente uma jóia - um coração de ouro - para o marido, que ela viu como uma imagem do “coração seu”, que ele “exigia dela”; mas , continuava, “ o sobejo desta minha fortuna particular deixo para formar uma nova associação que ponha abaixo a lei que uma mulher independente tenha que suportar máus tratos de seu esposo” . Gabrielle referia-se à lei do código de 1890 que impedia um desquite antes de se completar dois anos de casamento. Para não deixar dúvidas, quanto ao marido, acrescentou : “ Esse, fazendo sua fortuna a sua custa, durante dois anos, por (ela) não ter testemunhas e querer evitar escândalo”.¹⁹

Logo mudaram-se para São Paulo e foram morar na então suntuosa Avenida Paulista. Gabrielle emprestara ao segundo marido uma significativa quantia em dinheiro, que ele movimentava na agência em que trabalhava. Arrependida, ela tentou recuperar a quantia, mas não o conseguiu; ameaçava-o constantemente com o divórcio. Na

¹⁷ Para uma visão sobre mulheres brasileira s desse período: Marina Maluf e M Lúcia Mott “Recônditos do mundo, feminino” em Nicoláu Sevcenko(org.)*História da Vida Privada no Brasil*, vol 3. São Paulo, Cia. Das Letras,1998; Susan Besse , *Modernizando a desigualdade:Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940*, São Paulo, Edusp, 1999.

¹⁸Aparece destacado em Laura Oliveira Rodrigo Octávio, *Elos de uma Corrente*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994, pg. 235.; na citação, porém, seus sobrenomes aparecem grafados como “Brumm-Ziller”. Também a única prima de Gabrielle hoje viva aos 93 anos, Edna, nada se lembra a respeito dela a não ser esse detalhe.

noite de 18 de janeiro de 1915, em casa, Willy tentou matá-la, ferindo-a com revólver no ombro esquerdo e depois se suicidou.²⁰ No inquérito policial foi apontada como causa de tudo uma “violenta neurastenia” do marido. Gabrielle indignou-se depois com o fato de a família alemã de Willy querer ser herdeira dele, pois ela considerava sua doação a ele como um empréstimo e, conseqüentemente ao banco. Abriu um processo contra o Bank; por causa disso, seu irmão Gustave, que lá trabalhava, rompeu relações com ela (embora não o tenham feito seu irmão menor ou sobrinho, que estavam no mesmo caso). Assim, aos poucos, nessas circunstâncias de vida, foi se definindo sua imagem de querelante, de difícil, de esquisita.

Voltando a morar no Rio, ainda muito rica, cheia de propriedades e jóias; embora frequentando constantemente seus parentes, Gabrielle vivia em choque com eles. Aparentemente ela levou uma vida social ativa.²¹ Foi a inspiradora de um personagem (de pequeno destaque) no romance de Afrânio Peixoto *As razões do coração* (publicado em 1924) .²² Esse romance descreve a sociedade carioca da época, com várias referências a uma “bela Madame Klotz” ou “Mata- Boche” , “a barba-azul”, “la femme qui assassina”(em francês no texto), uma figura feminina que circulava nos altos meios, à procura de mais um marido e provocando os inevitáveis comentários.²³

Para reaver sua fortuna internacional, em boa parte confiscada ou reivindicada na Alemanha pelas famílias de seus ex-maridos, Gabrielle fez inúmeros apelos por cartas e empreendeu diversas viagens aos Estados Unidos, à Inglaterra, França, Alemanha, etc. Pedia o apoio de pessoas públicas influentes e contratava conhecidos advogados para que cuidassem de seus interesses. Sempre muito extravagante e original, em seu segundo testamento redigido em 1924 pede para, depois de sua morte, ter seu corpo lançado no Canal do Panamá, pois no Brasil fora muito maltratada; também contratou o famoso jurista carioca Rodrigo Octávio para a curiosa função - entre outras, é claro - de comprar-lhe um terreno no elegante Cemitério São João Batista, onde queria ser enterrada entre seus dois maridos .

Em 1924, em Paris, envolveu-se com a polícia francesa pois, ao tentar ser recebida pelo Presidente do Conselho Édouard Herriot, foi presa como suspeita de querer mata-lo. Isso por duas razões aparentes : por que carregava em sua bolsa um revólver, como fazia desde a morte do primeiro marido; também por que, naquela ocasião como em outras, fez declarações bombásticas e ameaçadoras, a fim de tentar chamar a “atenção do mundo” para a expoliação

¹⁹ Ver Marina Maluf e M. Lucia Mott, op.cit., pg. .375. Além disso, esse código conferia ao marido “sem qualquer dissimulação, a chefia da sociedade conjugal, bem como a responsabilidade pública da família, além de caber a ele a completa manutenção dos seus, e a administração e usufruto de todos os bens, inclusive dos que tivessem sido trazidos pela esposa no contrato de casamento”.

²⁰ A memória acima citada e a imprensa de época relatam o incidente, além das inúmeras referências no processo de anulação de seus testamentos.

²¹ As fotos, os comentários na imprensa, a memória familiar revelam que chamava atenção por sua beleza, pelos trajes que usava nos espetáculos da temporada lírica no Teatro Municipal (levada pelo sobrinho Paulo)

²² Ver Afrânio Peixoto, *As razões do coração*, revisto pelo autor, Vol V, Rio/São Paulo/Porto Alegre, W.M.Jackson Inc., 1947. Outros romances da época que me revelaram aspectos semelhantes da sociedade carioca , mas desta vez de um ponto de vista feminino, são tanto Júlia Lopes de Almeida, *A viúva Simões* , atualização de texto, introdução e notas de Peggy Sharpe, como Inês Sabino, *Lutas do coração*, atualização do texto, introdução e notas por Susan Canty Quinlan, ambos publicados em Florianópolis, Mulheres EDUNISC, 1999.

²³ Michelle Perrot afirma: “Un décor urbain saturé de figures féminines, telle est déjà la marque du XIXème siècle. Sculptures monumentales, allégories religieuses, affiches publicitaires ou politiques prennent le corps des femmes comme support de leur message. Au théâtre, à l’Opéra, dans les caf’conc’ elles occupent la scène, bientôt relayée par les écrans de cinéma et la splendeur des stars. Sur les boulevards, dans les salons, ou au concert, lieux multiple de la réception mondaine, les femmes ont une fonction de représentation. Leur élégance, leur luxe, voire leur beauté expriment la richesse ou le prestige de leurs maris ou compagnons. Spéctacle de l’homme, elles sont aussi l’objet de son désir, aiquisés souvent par les interdits d’une sexualité contrainte” Ver Michelle Perrot, *Femmes Publiques*, Paris, Textuel, 1997, pg. 17.

que sofrera. O Chefe de Polícia de Paris pediu auxílio do Cônsul brasileiro, que contra protestos de Gabrielle, conseguiu repatriá-la para o Rio sem mais; o incidente acabou sendo rotulado de “caso sem valor” e não se tornou público na imprensa carioca.²⁴

O processo de anulação dos testamentos a mostra como se dizendo perseguida por muitos, suspeitando de familiares, advogados desconhecidos e chegando até a afirmar ter sido vítima de atentados. Em 1932 um advogado desconhecido da família iniciou um processo de interdição de Gabrielle, que não foi adiante; posteriormente a própria família retomou o pedido. Apesar de ter tentado obstar a interdição contratando advogados para se defender da pecha de louca, Gabrielle acabou sendo interditada em 1935, com diagnóstico de “paranóia” e “histeria”. Depois disso tornou-se uma pessoa misteriosa, escapando do alcance da família e de sua tutoria carioca. Escondeu-se em diversos hotéis sob nomes falsos, carregando malas cheias de papéis, jóias e dinheiro. O aparecimento de uma dessas malas cheia de ouro levou a grande sensacionalismo na imprensa que acabou levantando seu paradeiro. Ela fugira para hotéis em Santos e no Guarujá e depois, mau estado de saúde, esteve na Beneficência Portuguesa e depois no Hospital Alemão em São Paulo, onde foi recapturada para o Rio pela tutoria.

No final da vida, foi controlada em seus mínimos atos cotidianos: os autos de anulação fornecem detalhes de seus tratamentos dentários, do estado de abandono que ficaram suas elegantes casas cariocas no Cosme Velho e na rua Paysandu, etc... Morreu em uma casa de saúde na Gávea, aos 64 anos; foi enterrada no belo túmulo *art-nouveau* onde, em 1912, enterrara seu primeiro marido. Lá estão também os despojos de seu segundo marido, mas os nomes dela e dele não constam da lápide.

Morta sem filhos, seu testamento tirou dos descendentes indiretos sua imensa fortuna. O processo de anulação de seus testamentos (datados de 1914 e 1924) mostra a luta dos herdeiros pela fortuna da tia. O intento central do processo era provar que Gabrielle fora incapaz de testar em função de sua “loucura”. Foi publicado em 1946 pelo Supremo Tribunal Federal., provavelmente como um caso exemplar, pois tratava-se de uma família de renome, dizia respeito a muito dinheiro e envolvia advogados, psiquiatras ou pareceristas legais de grande importância na época (como Luiz Gonzaga do Nascimento Silva e Santiago Dantas, que publicou depois, entre suas obras, seu parecer sobre a anulação). Forneceu-me um relato da vida de Gabrielle e foi a partir dessa fonte inicial que fui puxando os fiozinhos da trama que é a história de sua vida.

No processo, desde jovem ela é apresentada como, no mínimo, uma pessoa “fora do comum” e de “temperamento constitucionalmente exaltado”, “bizarra”, “excêntrica”, “estranha”... Após a interdição, é apresentada claramente como paranóica, doença mental apontada como a “ponte por onde a razão vai à loucura”. Suas variadas atitudes e falas, das mais simples às mais estranhas, são mostradas como no mínimo desusadas mas até “delirantes”, “querelantes” ou “paranóicas

²⁴ O Cônsul era amigo da família e procurou seu irmão Gustave, nesse momento em Paris com familiares. Chamado pelo Cônsul para apoiar a irmã, ele negou qualquer auxílio e seu depoimento forneceu uma imagem negativa de sua irmã, colocando até suspeições sobre Gabrielle ter matado o marido Sieler.

O testamento anulado de 1924 fazia legados a alguns familiares e empregados, determinava que a maioria das jóias, objetos e roupas deveriam ser vendidas e o dinheiro distribuído para os pobres das paróquias dos bairros em que Gabrielle morara . O grosso de sua fortuna – os bens nos diversos países em que os possuía enquanto “herdeira universal de Georg Brune”, ou seja, no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Suíça, na Itália, etc - seriam distribuídos benemeritamente. O dinheiro era destinado aos Hospícios de Alienados, Casas de Correção, asilos,... “ visto que aí estão muitos infelizes inocentes sequestrados nos lugares dos culpados, que soltos gozam de seus crimes e continuam-nos indefinidamente, por falta de justiça humana.” Redigido dois anos após a morte de sua mãe, dizia: “à minha família Leuzinger Masset nada lego, fizeram-me sofrer muito moralmente, com seu indiferentismo, egoísmo e covardia nas minhas duas viuvezes”.

Pelo processo vemos que, em 1943, o mesmo perito psiquiatra Antonio Xavier de Oliveira que a examinara em 1932, elogiou esse segundo testamento como “não-exclusivista” pois “ultrapassa (ndo) fronteiras de sua família e nação” e de alcance “social e cristão”; ele declarou que, a seu ver, em 1924 Gabrielle ainda estava em condições de testar. Em 1944, o juiz E. Ribas Carneiro elogiou seu “nítido traço de beleza moral e marcante valor social”, sendo contra uma anulação “que privaria centenas e centenas de infelizes dos benefícios de uma outra infeliz (...)”

A questão da biografia passa fundamentalmente pela da memória. Como diz Jorge Luis Borges, “um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto”.²⁵ A memória familiar lembra Gabrielle apenas como uma louca; um seu outro sobrinho neto me disse recentemente, quando lhe mostrei um jovial retrato de Gabrielle mocinha: “Ah, nesse tempo ela não era louca!”

2.2 O que pensar de Gabrielle? - conclusões parciais

O trabalho com Gabrielle me interessou como um enorme desafio:

1- interessa-me examinar e explicitar **o subjetivo e objetivo numa pesquisa histórica** :²⁶

²⁵ Citado por Jacques Le Goff, *São Luís :Biografia*, Rio de Janeiro, Record, 1999. Ver Introdução, p. 29.

²⁶ A memória dos que conheceram Gabrielle só deixaram dela a imagem de uma louca - bonita, rica, esquisita mas sobretudo louca - característica que teria selado o destino sua memória e de seus bens . No começo a sombra dessa imagem lançada sobre mim pela família pesou muito. Foi muito difícil eu me sentir próxima de Gabrielle, ao contrário do que aconteceu em relação a sua mãe Eugénie; esta me foi apresentada por sua neta minha sogra como uma heroína, sustentáculo da família; seu diário, o álbum que encontrei com seus desenhos e colagens me desvendaram uma personalidade atraente porque altruísta e romântica. Não consegui ouvir Gabrielle falando de forma mais normal sobre seus desejos e esperanças, nem também sobre seus medos, inseguranças e tristezas, como ouvi sua mãe num belíssimo diário que nos chegou de seus primeiros anos de viuvez. A voz de Gabrielle, quando é possível ouvi-la, está toda dirigida para mostrar sua loucura; chega também algo arrevezada, ao que me parece devido traduções muito mal feitas.. Assim, Gabrielle era para mim a louca, a assustada, desprotegida, e, o que me irritava muito, a luta de sua vida parecia ser atrás de dinheiro o tempo todo.

2- interessa-me apresentar essa mulher como um ótimo e concreto **exemplo da circulação e entrecruzar**, entre os chamados **o Velho e Novo mundos, de pessoas e famílias, da cultura (atividades e costumes, idéias e temas ..) mas também de capital financeiro** ;

3- interessa-me tentar mostrar a dita **“loucura” de Gabrielle como ligada claramente à chamada questão de gênero**. Pergunto-me se Gabrielle não seria também o que se chamaria de mulher diferenciada para a época – a “nova mulher” - aquela mulher que, por suas atitudes de vida - embora distante de uma militância feminista concreta, acaba por abalar as estruturas rígidas do chamado tripé: mãe- esposa - dona de casa, que sustentava o papel da mulher “rainha do lar” ²⁷. Para encerrar, acho ainda importante lembrar que a quebra de padrões vigentes exige sempre exposição e sofrimento.

²⁷ Ver Marina Maluf e M.Lúcia Mott, *op.cit.* p. 373.